

FLUIDEZ

(Crônica)

Rodrigo Alencar

Ontem, vi minha filha se maquilando. Saltei para trás, assustado. Isso está certo ou o erro está em mim, que estou envelhecendo? Fitei-a de longe, cismado, e ela me pareceu diferente da criança que vi nascer, há doze anos. Pintando as faces, olhava-se no espelho com enlevo, como se desfrutasse uma juventude perene, inesgotável.

Tal cena me fez lembrar duma assertiva do Marquês de Maricá. Político que viveu no Brasil Império, ele escreveu: “Ambos se enganam, o velho quando louva somente o passado, o moço quando só admira o presente”.

Como é ilusório o tempo! Um dia eu também fitara o espelho assim, com deleite. Fascinado pela minha beleza, queria pensar que jamais perderia as forças, que jamais envelheceria. Mas como eu era tolo!

Muitos são como aquele menino que se desmanchava, sumindo para sempre. Pequenos, limitam-se a contar a vida pela duração do tempo, das horas, dos minutos. Avistam no horizonte a morte e, com ela, o término da vida, a queda no profundo vazio que é o nada (ou algo desconhecido e que, portanto, não interessa). Isso nos remete à citação do marquês. Se os velhos bendizem o passado, o fazem porque lamentam a proximidade do fim, e os moços, se louvam o presente, o fazem por não temerem a senilidade, que lhes avulta distante. Tanto uns como os outros estão aferrados ao tempo, à ilusão do tempo, pelo qual se medem o crescimento, o vigor, a degeneração.

Para nós, minúsculos seres arrastados para a morte, dia após dia, nos resta aceitar a vida como ela é, fluida e passageira. O jovem se gaba de sua força e beleza, mas existe uma beleza superior, mais profunda, que ele desconhece. Uma beleza que cresce com o tempo, na lavoura da alma, para ser colhida no fim da vida, no silêncio da última estação.